Obituário: Claudio Esteva Fabregat

Roque de Barros Laraia
UnB

Claudio Esteva-Fabregat nasceu em Marselha, França, em 11 de novembro de 1918 e faleceu em Barcelona, no dia 1º de setembro de 2017. Em uma entrevista à Yaiza Santos, o mais importante antropólogo catalão explicou esse fato: "...meus pais foram visitar um irmão de minha mãe [em Marselha], e ela, então grávida, tinha calculado errado. Passou a quarentena comigo em Marselha e logo voltamos a Barcelona. Fui francês por quarenta dias!" (Santos, 2007).

Em 1998, diante do prédio da Prefeitura de Barcelona, contou-me: "estávamos todos aqui, deitados, quando alguém gritou 'Avançar!'. Cerca de seiscentas pessoas morreram aqui". Referia-se ao início da guerra civil espanhola, na qual participou lutando, na frente de Aragon, contra as tropas de Franco.

Com a vitória do ditador, fugiu para a França, atravessando os Alpes. Ficou internado no campo de concentração francês *Saint-Cyprien* até quando embarcou no navio *Sinaia*, o primeiro barco de refugiados espanhóis que chegou ao México. "No navio, pela primeira vez desfrutei a sensação de liberdade, e pude identificar a experiência da viagem, comparada com a guerra e o campo de concentração, como dias de repouso" (Santos, 2007).

Esteva Fabregat sempre enfatizou a importância do México em sua formação. Tinha pouco mais de 20 anos quando chegou ao estado mexicano de Veracruz. Entre as diversas atividades que desempenhou para a sua sobrevivência foi a de jogador de futebol. Foi na cidade do México que descobriu a Antropologia, na Escola Nacional de Antropologia e História, onde cursou de 1947 a 1955. Foi aluno de outro refugiado espanhol, Juan Comas (1900-1979), considerado o fundador da Antropologia Física mexicana. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira – principal interlocutor brasileiro de Esteva-Fabregat –, a maior influência que Claudio recebeu como estudante "foi a de um professor visitante: Eric Fromm (1900-1980) cujos ensinamentos encaminharam fortemente os seus interesses para a área de cultura e personalidade, bastante prestigiosa nos anos 50, graças a autores como Sapir, Benedict, Mead, Linton, Kardiner e outros". Na

entrevista, acima citada (Santos, 2007), Esteva Fabregat considerou esses anos no México como apaixonantes, quando, "como aluno, não faltava a nenhuma aula, discutia com meus professores, cumpria os meus trabalhos e me reunia com meus colegas para discutir os conteúdos dos cursos". Em função de sua amizade com Erich Fromm, passou utilizar do método da psicanálise cultural.

Em 1956, Claudio-Esteva Fabregat voltou para a Espanha. Na Universidade de Madri encarregou-se dos cursos de "Religiões Indígenas da América" e "Antropologia e Etnologia da América". Em 1958, doutorou-se em História da América, pela Universidade de Madrid. Em 1965, foi nomeado diretor do Museu Nacional de Etnologia de Madrid.

Em 1968, finalmente, voltou a sua Catalunha, como Professor da Universidade de Barcelona e, em 1972, passou a chefiar o Departamento de Antropologia Cultural dessa Universidade. Foi, então, que fundou a revista *Etnica*. Em seu primeiro número (1971), publicou o artigo *Algunos caracteres de sistema de propriedade "fang"*, resultado de seu trabalho de campo realizado na Guiné Espanhola durante os meses de novembro de 1962 a fevereiro de 1963. Muitos de seus trabalhos foram publicados nesse periódico que circulou até o número 20, encerrando as atividades em 1984.

A sua relação com o Brasil inicia-se em 1990, quando convida Roberto Cardoso de Oliveira para participar de um seminário sobre identidade étnica na Universidade de Barcelona. Mais tarde, Cardoso de Oliveira passou um semestre como professor visitante, quando ampliou o seu diálogo com Fabregat sobre o tema – tão caro para ambos – a identidade social. Não resta dúvida de que essa discussão foi estimulada pela leitura de um texto fundamental de Fabregat: *Estado, etnicidad y biculturalismo* (Barcelona: Editora Peninsula, 1984). Trata-se de texto valioso para a compreensão da Catalunha, após a queda de Franco, e a promulgação do Estatuto da Catalunha, de 1979. Certamente, as discussões de ambos, na década de 1990-2000, são importantes para uma melhor compreensão da situação atual da Espanha, quando finalmente os catalães exigem um maior grau de autonomia, ou mesmo, de separação.

Em 2001, Roberto Cardoso de Oliveira convidou Esteva Fabregat para um semestre, como Professor Visitante no Departamento de Estudos América Latina e Caribe (DELA), sediado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Foi uma oportunidade para reforçar os seus laços com o meio universitário brasileiro.

Tomo a liberdade de lembrar do meu relacionamento com o eminente colega. No final dos anos 80, a Fundação Mapfre, uma organização cultural espanhola, estava empenhada nas comemorações dos 500 anos da descoberta da América e resolveu publicar uma série de coleções de livros. Uma de suas coleções foi *Índios das Américas* (Fundação Mapfre). Fui convidado para escrever o livro Índios do Brasil (Laraia, 1993). Esteva Fabregat fazia parte da comissão editorial da Fundação. No final de 1991, por sua indicação, fui convidado para participar do Seminário "Antropologia na América Latina e Etnohistória em Sicília" na Universidade de Palermo. Na ocasião, ele presidiu a Comissão do Júri que outorgou o Prêmio Salomon-Piero-Marino, constituída por Juan Ocio (do Peru), Ricardo Lima (do México) e Roque Laraia (Brasil). Na década de 90 e na primeira de nosso século, tive a oportunidade de encontrá-lo em vários congressos e reuniões científicas. A edição equatoriana de meu livro *Índios do Brasil* foi uma iniciativa dele.

O legado de Fabregat é uma extensa bibliografia da qual gostaríamos de destacar *La Coroa Española y el indio americano* (1989), texto que faz parte de uma coleção que reúne dez importantes autores hispânicos sobre a relação da coroa espanhola e os povos da América.

Em 2001, Esteva Fabregat e sua esposa Berta Alcafitz voltaram a morar no México, dessa vez em Guadalajara, onde permaneceram por mais de uma década. Em 2017, o fundador da moderna antropologia espanhola faleceu em Barcelona, a capital da Catalunha que ele tanto amou.

Recebido: 27/03/2018
Aprovado: 08/05/2018

Roque de Barros Laraia é professor titular e emérito do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Contato: laraia@unb.br

Referências bibliográficas

LARAIA, Roque de Barros. *Los Indios de Brasil.* Madrid: Ediciones Mapfre, 1993.

SANTOS,Yaiza. 2007. *Claudio Esteva Fabregat: antropólogo y passageiro del Sinaia*. Disponível em: <http://www.letraslibres.com/mexico-espana/claudio-esteva-fabregat--antropologo-y-pasajero-del-sinaia>.

Bibliografia de Claudio Esteva Fabregat

1965. *Función y Funcionalismo em las Ciências Sociales.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Cientificas.

1972. *Antropologia y Filosofia.* Barcelona: Redondo Editor.

1975. *Razas Humanas y Racismo.* Barcelona: Sazlvast Editores.

1978. *Cultura, Sociedad y Personalidad.* Barcelona: Promoción Cultural/Anthropos.

1984. *Antropologia Industriale.* Barcelona: Editora Anthropos.

1984. *Estado, Etnicidad y Biculturalismo.* Barcelona: Editora Peninsula

1988. *El Mestiçaje em Iberoamérica*. Madrid: Editorial Alhambra.

1989. *La Corona Española y el Indio Americano.* 2 vols. Madrid: Associacion Francisco Lopes de Gômara.

1995. *Introducción a loas Fuentes Etnográficas y la América Indigena.* Madrid: Fundacion Mapfre América, Instituto Histórico Tavera.

1996. *Ciência i Etnociència a l'Antropologia.* Barcelona: Fundació Catalana per a la Recerca.

1998. *Antropologia y Antropólogos.* México: Conaculta/UNAM.

2004. *La identidade catalana contemporânea.* México: Fundo de Cultura Economica.

Diretrizes para Autores

O Anuário Antropológico aceitará para publicação textos e ensaios inéditos em português, inglês, francês ou espanhol, sob a forma de artigos, entrevistas, conferências, ensaios visuais e bibliográficos e resenhas de livros e filmes recentes. As contribuições serão recebidas em fluxo contínuo e a pertinência para publicação será avaliada pela Comissão Editorial (no que diz respeito à adequação ao perfil e linha editorial do periódico) e por pareceristas ad hoc (no que diz respeito ao conteúdo específico e qualidade das contribuições) preservando o anonimato em regime de duplo cego. O material deve ser enviado via o sistema de submissão online do periódico conforme as seguintes normas:

1. Artigos (com até 8.000 palavras, incluindo notas e bibliografia): devem vir acompanhados de: a) resumo de até 200 palavras; b) título; c) até cinco palavras-chave. Tudo deve vir na língua original e em inglês.

2. Ensaios bibliográficos (com até 5.000 palavras): devem conter a referência completa do livro ou livros comentados, incluindo autora(s), data e local de publicação e editora.

3. Resenhas de livros e filmes recentes (de até 1.500 palavras): As resenhas devem conter a referência completa do livro ou filme resenhado, incluindo autora, editora, data e local de publicação/produção e número de páginas. Os livros e filmes em questão devem ser recentes, com até três anos de publicação, para nacionais, e até cinco anos, para os internacionais. As resenhas não devem receber título nem conter notas fora do texto. As referências bibliográficas devem ser reduzidas ao mínimo e virem ao final. Além de resumir e apresentar a obra, a resenha deve necessariamente trazer também um ponto de vista crítico. A decisão pela publicação da resenha será responsabilidade da Comissão Editorial.

4. Ensaios visuais (de 6 a 18 imagens com texto de apresentação, créditos e legendas): O ensaio deve ser um formato que combina textos e imagens relacionadas a processos etnográficos de pesquisa, ensino ou extensão. Devem conter um texto de apresentação (com até 2.500 cce), legendas (com no máximo 400 cce) e os créditos das imagens (autoria, local e ano de produção). As imagens podem ser fotos, desenhos, ilustrações, colagens ou pinturas. A autora do ensaio visual deve apresentar uma autorização de uso das imagens conforme formulário específico do periódico. O texto deve ser enviado em Word e apresentar o contexto e o processo técnico e metodológico de produção do ensaio. As imagens devem ser enviadas em formato .jpg, .gif ou .png, com 1.2M e 300dpi, nomeadas sequencialmente de acordo com a ordem de exposição da seguinte forma: sobrenome_nome da autora_01 etc. A autora deve também enviar uma proposta de layout de apresentação do ensaio.

5. Entrevistas (com até 6000 palavras): As entrevistas devem ser inéditas, dando destaque a importantes debates da Antropologia contemporânea. Devem possuir um claro fio condutor, por exemplo, o tema de pesquisa atual da entrevistada, a relação entre biografia e carreira na Antropologia, o lançamento de seu novo livro, inovações no ensino de antropologia, o amadurecimento de um conceito etc. As entrevistas devem ser precedidas de um parágrafo de apresentação, em que seja apresentado e justificado o fio condutor da entrevista para os debates atuais na Antropologia. A entrevistada pode ser brasileira ou não, a condução pode ser feita por uma ou mais entrevistadoras. A decisão pela publicação da entrevista será responsabilidade da Comissão Editorial.

6. Conferências nacionais ou internacionais (de até 6000 palavras): A conferência pode ter sido proferida na abertura ou encerramento de seminários e/ou congressos no Brasil ou no exterior. Uma conferência lança ideias novas, aponta caminhos criativos e insuspeitos, problematiza e desnaturaliza questões, envolve e provoca a audiência. Guarda, naturalmente, um tom um pouco mais oralizado, a marca de estilo de sua autora. A decisão pela publicação da conferência será responsabilidade da Comissão Editorial.

Todos os textos devem seguir a seguinte formatação: espaço 1,5, letra Calibri tamanho 12. As notas devem vir ao final do texto e em tamanho 10. Os textos e ensaios devem ser submetidos sem a identificação da autora abaixo do título e ao longo do corpo do texto, as autocitações e referências devem ser substituídas pela palavra AUTORA.

Quanto a figuras, citações, notas e referências, devem ser observados os seguintes formatos:

1. os quadros, gráficos, figuras e fotos devem ser apresentados em folhas separadas, numerados e titulados corretamente, com indicação de seu lugar no texto e de forma pronta para impressão;

2. citações de mais de quatro linhas devem ser destacadas no texto com recuo à esquerda;

3. as notas deverão excluir simples referências bibliográficas, que devem ser incluídas no texto principal entre parênteses, limitando-se ao sobrenome da autora, ano e páginas (Chaves, 2016: 283-30);

4. a referência completa irá nas Referências Bibliográficas, conforme abaixo:

Livro: BORGES, Antonádia. 2004. *Tempo de Brasília: etnografando lugares-eventos da política.* 1. Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Coletânea: LOBO, Andréa; DIAS, Juliana Braz (org.). 2016. *Mundos em circulação: perspectivas sobre Cabo Verde.* Brasília/Praia: Aba Publicações/EdUniCV.

Artigo em coletânea: COELHO DE SOUZA, Marcela Souza. 2009. "The future of the structural theory of kinship". In: Boris Wiseman (ed.), *The Cambridge Companion to Lévi-Strauss.* Cambridge: Cambridge University Press, pp. 80-99.

Artigo em periódico: MOURA, Cristina Patriota de. 2017. "Considerações sobre dinâmicas educacionais em tempos de transnacionalização chinesa". *Horizontes Antropológicos,* 23: 89-121.

Tese acadêmica: SILVA, Kelly Cristiane da. 2004. *Paradoxos da Autodeterminação: a construção do Estado-nação e práticas da ONU em Timor-Leste.* Tese [Doutorado em Antropologia Social]. Brasília: Universidade de Brasília.

O envio de contribuições implica a cessão de direitos autorais e de publicação à Revista. Caso a autora deseje republicar seu texto ou ensaio alhures, é preciso apenas avisar à revista. O conteúdo dos textos e ensaios que forem publicados pela revista serão de inteira responsabilidade da autora.